

SESSÕES DO PLENÁRIO

3ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 16 de fevereiro de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO ANGELO CORONEL

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração aos 29 anos do Título Brasileiro do Esporte Clube Bahia, proposta pelo deputado Bobô.

Convido para compor a Mesa o proponente desta sessão, deputado Bobô; Sr. Secretário de Infraestrutura Hídrica e Saneamento, Tássio Ramos Ramalho, representando o governador Rui Costa; Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia, Júlio César Lemos Travessa, representando a presidente do Tribunal de Justiça da Bahia, desembargadora Maria do Socorro Barreto Santiago; Sr. Presidente do Esporte Clube Bahia, Marcelo Santana; Sr. Presidente do Conselho do Bahia, Henrique de la Torre; Sr.^a Presidente do Tribunal Regional do Trabalho, desembargadora Maria Adna Aguiar; Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia, Abelardo Paulo da Matta Neto; Sr. Procurador do Estado, Silvio Avelino Pires Britto Junior, representando o procurador-geral do Estado, Paulo Moreno Carvalho; Sr. Diretor do DPS, coronel Jorge Inácio Diniz, representando o comandante-geral da PM, coronel Anselmo Brandão; Sr. Ex-presidente do Esporte Clube Bahia, Paulo Maracajá Pereira; Sr. Ex-presidente do Esporte Clube Bahia, Francisco Pernet; Sr. Diretor Jurídico da Associação de Garantia ao Atleta Profissional da Bahia, GAP, representando o jogador de 1988, Ronaldo Vieira Passos, popular “Mão de Quiabo”; Sr. Flávio Alexandre da Silva, “Binha”, representando os demais torcedores do Esporte Clube Bahia; Sr. Aramis Ribeiro Costa, representando o autor do Hino do Esporte Clube Bahia, Adroaldo Ribeiro Costa; Sr. Manfredo Lessa, representante do presidente da Federação Bahiana de Futebol, Ednaldo Rodrigues; Sr. Ex-presidente do Esporte Clube Bahia, Petrônio Franca Barradas; Sr. Ex-presidente do Esporte Clube Bahia, Fernando Schmidt.

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional brasileiro.

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Neste momento, assistiremos a um vídeo sobre a conquista de 1988, no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

(Apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Depois de termos assistido aos vídeos, vemos que Bobô rejuvenesceu.

O Sr. PRESIDENTE (Angelo Coronel):- Concedo a palavra ao proponente da sessão, deputado Bobô. (Palmas)

O Sr. BOBÔ:- Boa-tarde a todos, sejam muito bem-vindos. Queria que o deputado Rosemberg permanecesse na sala, para daqui a pouquinho cantar o hino mais lindo do futebol brasileiro, o Hino do Esporte Clube Bahia. (Palmas)

Quero saudar o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, deputado Angelo Coronel; saudar o secretário de infraestrutura, muito obrigado, meu amigo querido, Cássio Ramos Peixoto, uma paixão enorme por esse clube; saudar o Sr. Desembargador do Tribunal de Justiça, amigo Júlio Travessa; Sr. Presidente do Esporte Clube Bahia, Marcelo Santana, muito obrigado pela presença, muito nos honra, mais uma vez, você estar aqui conosco; saudar o presidente do Conselho Deliberativo do Esporte Clube Bahia, Henrique Della Torre, muito obrigado pela sua presença; saudar a querida presidente do Tribunal Regional do Trabalho, desembargadora Maria Adna Aguiar, grande tricolor – olha como ela está vestida de tricolor, linda! –; (palmas) saudar o amigo desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia, Abelardo Paulo da Mata Neto, obrigado pela presença; Sr. Procurador do Estado, Sílvio Avelino Pires Brito Júnior, aqui representando o Procurador-Geral do Estado, Paulo Moreno Carvalho. É importante dizer que, lamentavelmente, o Dr. Paulo é um torcedor do Esporte Clube Vitória, mas está muito bem representado pelo senhor. Agradeço; (Risos) Coronel Jorge Inácio Diniz, aqui representando o comandante-geral da Polícia Militar, o Coronel Anselmo Alves Brandão; ex-presidentes do Esporte Clube Bahia, muito obrigado pela presença, nosso querido presidente, eterno do Esporte Clube Bahia, Paulo Virgílio Maracajá Pereira, (palmas) campeoníssimo, foi o nosso timoneiro, o nosso capitão, o nosso comandante, campeão de 1988, é impensável, são incontáveis os títulos que Maracajá conquistou, então, muito nos orgulha você estar conosco, mais uma vez, presidente. Saúde e vida longa para o senhor; o ex-presidente do Esporte Clube Bahia, Francisco Pernet, obrigado, presidente; o diretor jurídico da Associação da Garantia do Atleta Profissional da Bahia – Agap, nosso querido Gorilão; nosso Ronaldo Vieira Passos, vocês viram, agora há pouco, algumas imagens, mas as imagens não fizeram jus ao que Ronaldo fez em alguns jogos, até porque não temos algumas imagens, é difícil até achar, daquele jogo, Ronaldo, contra o Sport Recife aqui em Salvador, foi terrível, nós fomos para a prorrogação, se não me engano aos 14 minutos do segundo tempo da prorrogação o Ronaldo fez uma intervenção, que fez com que a gente, realmente, sonhasse e acreditasse na conquista do título brasileiro. Então, você tem muito a ver com essa conquista e eu fico muito orgulhoso de você estar conosco, e representando todos os atletas campeões de 88. (Palmas)

Eu daqui a pouco vou ler nome por nome, mas aqui nós temos, além de você, outros 4, meu amigo irmão Sandro, (palmas) aliás, bacana, porque conseguimos trazer Paulo Rodrigues de volta, e é difícil tirar esse cara lá de Uberlândia, de Uberaba, do Triângulo Mineiro, esse que foi um jogador espetacular, um jogador amigo, irmão,

parceiro, sempre equilibrado, de um nível técnico acentuado, mas o nível de equilíbrio de Paulo Rodrigues era assustador. Quando a gente estava num momento mais difícil ele sentava conosco ouvia, ouvia, ouvia e continuava ouvindo. Esse é o cara. Obrigado, irmão, por estar conosco aqui; um prazer estar recebendo Dico Maradona, mais uma vez Dico, e o grande Zé, (palmas) Zé que teve um papel fundamental na conquista de 88, assim como todos os outros jogadores, mas Zé foi o artilheiro do Bahia em 88. Então, é importante a gente estar ressaltando esse momento, porque Zé foi cria do Esporte Clube Bahia, nasceu no Fazendão e parte da sua história tão linda, de uma carreira tão bem produzida foi construída dentro do Esporte Clube Bahia. Zé, obrigado pela sua presença. (Palmas)

Quero saudar aqui o Sr. Flávio Alexandre, meu amigo querido Binha, de São Caetano, Binha está representando aqui a torcida do Esporte Clube Bahia, daqueles torcedores-símbolo, daqueles torcedores inesquecíveis que a gente tem sempre na memória. Passou um funcionário falando agora a pouco, mas era mais torcedor do que funcionário, nosso amigo Jones, estava ali sempre trabalhando conosco, mas era um torcedor apaixonado, e Binha reflete um pouco desse sentimento do que é Bahia, da paixão que o Bahia produz. E assim, Binha, você representa aqueles caras que já se foram, figuras espetaculares que a gente tem sempre na lembrança, não é Maracajá, de histórias bonitas, de histórias maravilhosas, e a gente aqui quer, em seu nome, homenagear todos eles, aqueles que estão ainda aqui conosco e aqueles que já se foram e que têm histórias espetaculares dentro do Esporte Clube Bahia.

Quero saudar o Sr. Aramis Ribeiro Costa, representando o autor do Hino do Esporte Clube Bahia, (palmas) e agradecer ao Dr. Fernando Passos pela ideia brilhante de incorporar a essa sessão uma homenagem ao centenário de Adroaldo, e aqui é bem representado, se não me engano pelo sobrinho dele, e é bacana estar presente aqui conosco. Muito obrigado pela presença.

Saudar Manfredo Lessa, representando o Presidente da Federação Baiana, Ednaldo Rodrigues e saudar Petrônio Barradas, ex-Presidente do Esporte Clube Bahia. Muito obrigado, Petrônio, pela sua presença. E meu amigo querido sempre, de todas as horas, Fernando Schmidt e também ex-Presidente do Esporte Clube Bahia. Muito obrigado pela presença de todos vocês. (Palmas)

No dia 19 de fevereiro, daqui a alguns dias, a gente vai comemorar mais uma data especial dessa conquista realmente inesquecível.

(Lê)“O dia 19 de fevereiro é uma data memorável para o Esporte Clube Bahia, a imensa Nação Tricolor e para os ex-jogadores campeões. Este ano, celebramos 29 anos da conquista do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1988, o segundo título de campeão nacional do clube.

Segundo o Presidente da Casa, estou melhor do que antes. Eu agradeço Presidente, pela deferência. O pessoal vai pensar que eu era gato naquele tempo.

Esta sessão especial homenageia os ex-jogadores campeões, o autor do hino do Bahia, jornalista Adroaldo Ribeiro Costa, cujo o centenário de vida se dá no mês de abril, e essa grandiosa torcida de futebol.

Ter participado desse momento especial para o clube e para a Nação Tricolor é motivo de muito orgulho, pois colocou definitivamente, no coração e na história da torcida do Bahia, jogadores, comissão técnica, dirigentes e funcionários da época.

O time fez uma campanha valorosa, coroando um trabalho coletivo com o triunfo de 2 a 1 na Fonte Nova e um empate em 0 a 0 com o Internacional, em Porto Alegre. Foram 29 jogos, com 13 triunfos, 11 empates, 5 derrotas, conseguindo 56 pontos. Assim, o Bahia se tornou o único time do Nordeste campeão nacional.

Além de vencer os adversários no campo, o time teve a maior renda da competição e a segunda melhor média de público, na semifinal, contra o Fluminense”.

Passaram as imagens aqui agora e Marcelo Santana, o Presidente do Esporte Clube Bahia estava lembrando que no dia 12, agora, foi data desse grande jogo com uma média espetacular: 110 mil pagantes e 120 mil pessoas nesse jogo contra o Fluminense do Rio de Janeiro.

“Além de vencer os adversários no campo, o time teve a maior renda da competição e a segunda melhor média de público, na semifinal contra o Fluminense. O templo da Fonte Nova recebeu mais de 110 mil torcedores, a maior plateia da história do estádio.

O título de 1988 assegurou a segunda estrela dourada ao clube e sua grandiosa torcida. Ela se juntou a do título da Taça Brasil de 1959. Com a conquista, o Bahia disputou sua terceira Taça Libertadores da América.

É mais um momento para reverenciar cada jogador que deu sua vida nas partidas finais.”

E aqui, por gentileza, se houver uma falha, eu queria que vocês me ajudassem a corrigir nos nomes aqui. Não tive nem tempo de fazer a leitura, então, pode ser que não tenha colocado todos.

Ronaldo; Sidmar; Rogério, goleiros; Tarantini; nosso querido Mailson, que está enfermo, neste momento, e passando por uma situação muito delicada, de saúde, mas a gente tinha que fazer essa referência e deferência ao nosso querido Mailson; Edinho Jacaré, que ficou de vir, deve ter perdido o bonde, ainda não chegou; João Marcelo; Claudir; Pereira; Newmar; Paulo Rodrigues; Gil; Sales; Zé Carlos; Bobô; Renato; Osmar; Charles; Marquinhos; Dico; Sandro; Ricardo. Faltou alguém? Chiquinho, Paulo Robson. Aliás, o Coruja deveria ser um dos primeiros a estar aqui. Alguns jogadores, o Paulo foi até o final, mas o Renato saiu durante a temporada.

Então, a gente tem que fazer essa referência a todos eles, porque todos foram campeões de forma igual e absoluta. E também para enaltecer o trabalho do técnico Evaristo de Macedo que, recentemente, foi homenageado pelo Esporte Clube Bahia, pelos atletas, dirigentes. Foi um encontro bem emocionante na Fonte Nova. Muito bacana rever Evaristo com saúde e com muito bom humor, ainda.

Eu queria também, aqui, fazer uma saudação ao Presidente do Esporte Clube, na época, Paulo Maracajá Pereira e a toda diretoria, Dr. Paulo, além dos abnegados profissionais, porque o Bahia, naquela época, tinha muitos abnegados, pessoas que

trabalhavam e ajudavam o clube, e funcionários do Clube. Essa é uma fala para que possamos homenagear todos, presente e ausente aqui.

(Lê): “Ter conquistado o título após vencer 2 dos principais times do futebol brasileiro (nas semifinais e finais), abrilhantou ainda mais essa conquista. Portanto, é uma data especial para a torcida e para todos que ajudaram o Bahia a ser um dos poucos times com a insígnia de campeão nacional de futebol do seu País. São 2 estrelas que fazem brilhar a imensa Nação Tricolor, integrante da restrita constelação de campeões nacionais.”

Aí vem o hino que é importante. Eu falei que é o hino mais bonito, deputado Zé Neto e deputado Zó, da história do futebol do Brasil é porque eu não conheço os hinos dos clubes de fora. Então eu vou tomar a liberdade de dizer que o hino do Bahia é o hino mais bonito do futebol mundial.

Esse trecho do hino, não sei se vai fazer agora, mas passa depois, reflete bem o que representa a torcida tricolor: “Somos da turma tricolor, ninguém nos vence em vibração.” É muito bacana ouvirmos isso e quem é Bahia se arrepia quando ouve esse hino e quem não é Bahia também acaba cantando, não é Zé? Vai no embalo, não vai?

(Lê): “Agora, ela é também patrimônio cultural e imaterial do Estado, fruto da Lei 13.599/2016, de nossa autoria. Baseei-me na Constituição Federal e em estudos sociológicos e antropológicos que mostram como o futebol adquiriu importância na construção da identidade do nosso povo. Além dos critérios estabelecidos pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e pelo IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia).

Nossa lei reconhece a grandeza de um clube de futebol que a cada ano ganha mais torcedores e admiradores. Muitas pesquisas mostram a importância do futebol para a nossa sociedade, como o livro “Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes”, de Arlei Sander. Ele afirma que essa modalidade esportiva pode ser vista como uma linguagem e falar sobre o futebol é uma forma de versar sobre o País e sobre a identidade nacional.

Também mostra que durante jogos da seleção e dos times de coração, pessoas se reúnem, expressando suas alegrias e angústias, dependendo do resultado. Segundo a professora no Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação e Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (UFF), Simoni Lahud Guedes (autora dos livros O Brasil no campo de futebol e Nações em campo), a antropologia explica essa construção através do surgimento da concepção de que o futebol brasileiro reproduz as qualidades e defeitos do seu povo.

O escritor e sociólogo Gilberto Freyre, no prefácio do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, descreve a importância do futebol para a história contemporânea do Brasil. Diz ele: “O esporte trazido da Inglaterra pelas elites se arraigou na população que tomava as cidades. Tornou-se um elo em comum para as massas. Mais do que isso, ajudou a quebrar barreiras sociais e raciais, nas arquibancadas e nos campos.”

Isso mostra que o futebol, e todos os elementos que o compõem, se encaixa como um bem cultural imaterial. No nordeste e na Bahia, o Bahia constrói ao longo dos anos uma história vitoriosa e identificada com os baianos. A Nação Tricolor é considerada uma das maiores e mais apaixonadas torcidas do Brasil, com uma média de 3,4 milhões de torcedores. Creio até que já tenha crescido essa média.

No artigo “Futebol, o patrimônio imaterial da Cidade Maravilhosa: o carioca e sua fome de gol”, Dan Gabriel D’Onofre, Juliana Gomes Barbosa e Luciana Fernandes mostram como a torcida se constitui em um bem cultural imaterial no contexto do futebol.

Segundo eles, é torcer é uma paixão e a influência familiar atua como fator preponderante na escolha de um time para um futuro torcedor. Muitas vezes, é uma herança passada de pai para filho.” no meu caso não foi isso. Meu pai era torcedor do Vitória e eu o frustrei torcendo para o Bahia.

(Lê) “Isso reforça a ideia de que o futebol está inserido em nosso imaginário como fator de identidade cultural e é propagado de geração em geração, constituindo dentro de nossa sociedade um valor histórico patrimonial.

Que as torcidas nada mais são que segmentações da sociedade em coletividades individualizadas e compactas. Que o torcedor é um indivíduo no seu modo de torcer, vibrar, sofrer pelo seu time. Porém, que sente a necessidade e encontra prazer em se identificar como grupo com outros indivíduos de igual interesse que juntos se unem em prol de algo maior. Esse mesmo torcedor encontra muitas vezes no jogo, a alegria, realização ou sucesso que não consegue em sua vida pessoal.

O time passa a representar uma parte da sua vida que dá certo, o torcedor se identifica como parte daquele todo que é o clube e assim pode relacionar com aquele sucesso, lembrança ou sensação de origem que o time simboliza, encontrado nele uma forma de catarse.

Por tudo isso, ganhar títulos é importante na vida de um clube e da sua torcida. Por isso, propusemos esta Sessão Especial. Para reverenciar os protagonistas da história vitoriosa do Bahia.

Muito Obrigado a todos. Bora, Bahia! Minha porreta.”

Queria fazer uma saudação e agradecer a presença de alguns dos maiores ídolos da história do Bahia que não foram campeões de 88, mas que têm uma história espetacular escrita com suor, sangue, talento e que por muitos e muitos anos vestiram esse manto sagrado. Estão aqui Douglas, Osni, Eliseu Godoy e esse magrelinho que está do seu lado, novinho, que se chama Emo. (Palmas)

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zó):- Dando continuidade à sessão, vamos para os próximos oradores. Mas queria dizer, Bobô, que aí já dá um baba, já dá para montar um time bom, já tem goleiro, só não estou vendo zagueiro.

Queria parabenizar Bobô pela sessão, registrar a presença do nosso Líder do Governo, deputado Zé Neto; deputado Rosemberg Pinto, que esteve aqui. Agradecer ao Bahia e mandar um abraço dos jogadores de Juazeiro que por aqui passaram: Alan, Nixon, Janilson, Wagner e o maior de todos, Daniel Alves, nosso lateral direito do Juazeiro e que também foi lateral direito do Bahia. Fazer esse registro e dizer que Juazeiro também tem um pouco de história no Esporte Clube Bahia.

Gostaria de chamar o Ronaldo, nosso goleirão campeão de 88, para fazer seu pronunciamento. Passo a presidência ao proponente da sessão, o nosso craque nos gramados e craque, também, na Assembleia Legislativa da Bahia como um dos grandes deputados, daqueles que se destaca em todo lugar que chega. Destacou-se no futebol e se destaca como um dos grandes parlamentares, dos mais comprometidos com a Bahia, que é meu amigo Bobô. Sou centroavante e já disse que só vou para o baba na Assembleia no dia que ele jogar como meia, e só jogo no time dele. (Palmas)

Bobô, parabéns, assuma a presidência que esta sessão é do Bahia e, naturalmente, ela é sua também.

O Sr. RONALDO:- Boa-tarde, senhoras, boa tarde, senhores, boa tarde a todos que compõem a Mesa, é com muita satisfação e orgulho que estou aqui, neste momento, representando aquela família, como bem disse Zé Carlos no vídeo, que conquistou esse título tão importante na história de um dos maiores clubes do futebol mundial, que é o Esporte Clube Bahia. Fico muito honrado em fazer parte daquele grupo por vários motivos. Primeiro porque, salvo estatísticas contrárias, sou o atleta que mais tempo vestiu a camisa do Esporte Clube Bahia, de 1872, como Dente de Leite do Bahia, e saí como campeão do Brasil, em 1990.

Tenho um orgulho muito grande disso, porque o Bahia fez a minha história como cidadão, como homem e como atleta. Hoje, milito na advocacia, sou diretor do sindicato dos atletas, junto com Osni que é o presidente do sindicato, tentando resgatar os direitos dos atletas que às vezes ficam se esvaindo pelos cantos desse País.

O título de 1988 me traz muitas recordações e orgulho de ter participado... primeiro por ser dirigido por um homem que dispensa qualquer história, qualquer comentário dentro do futebol da Bahia, do futebol do Brasil, com todas as suas inteligências desportivas conseguiu comandar um grupo feito em casa, a maioria de baianos, como aconteceu em 59, quando 4 ou 5 baianos conseguiram o primeiro título brasileiro, 88 foi a repetição, e se chama Paulo Maracajá. Esse é um homem que não podemos esquecer, junto com a sua diretoria, na época Francisco Pernet e toda a sua diretoria, e o nosso Evaristo de Macedo. Não ganharíamos aquele título se não tivéssemos um comandante exemplar, um dos maiores treinadores que trabalhei na minha vida, que nos comandou. Tivemos alguns atritos, não só eu como vários outros atletas, mas sempre se resumia em positividade para todos nós.

Fico muito orgulhoso em participar, agradeço ao Bobô que fez parte dessa história e por ter feito essa homenagem aos 29 anos que estamos completando nesse domingo. E agradeço também à diretoria do Bahia atual que tem nos respeitado muito, tem feito vários tipos de iniciativas com a história, com a figura dos campeões brasileiros, estamos ainda em tratativas.

Gostaria que esse título, que sei que será eternizado para a história do nosso futebol, que ele tenha uma representatividade muito grande para todos aqueles que amam o Clube, não só os diretores que estão, não só os torcedores que presenciaram, aqueles que também não vivenciaram, porque só nós, atletas, que estávamos dentro do campo sabemos a dificuldade que tivemos para chegar ao título nacional. Um time do Nordeste, jogadores chamados pelos adversários de salário mínimo, hostilizados por árbitros, vocês não viram na televisão, não ouviram em nenhuma rádio as histórias que aconteceram. Só nós sabemos o que passamos.

Fomos menosprezados na final, num programa de televisão com 38 jornalistas que disseram que o Bahia só tinha apenas 10% de chance de ser campeão, que o Internacional era um super time, uma super camisa e que nunca tinha perdido um título dentro do Beira Rio, que não iria perder para um time do Nordeste, com jogadores desconhecidos. Aquilo serviu de um doping emocional para que trouxéssemos um título que pouca gente acreditava, que é o orgulho, hoje, da nação tricolor e de todos aqueles que amam esse Clube.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Quero fazer um registro da presença e agradecer ao nosso querido deputado Zé Neto, muito obrigado pela presença; saudar e registrar a presença do Major Lanúcio Araújo Andrade, representado o comandante-geral do Corpo de Bombeiros; Coronel Francisco Tele; saudar o deputado Rosemberg Pinto; agradecer e registrar a presença de Joilson Santana, presidente da Federação Baiana de Box; saudar e agradecer a presença do Major Paulo Henrique de Araújo Reis, do Corpo de Bombeiros; Fernando Sanches, presidente da Comissão de Esportes da OAB, obrigado, Fernando; Dr. Elias Dourado, meu querido amigo diretor-geral da Sudesb; Everaldo Augusto, chefe de gabinete da Sudesb, obrigado pela presença; Paulo César Vieira Lima, presidente do Conselho Regional de Educação Física da Bahia; Francisco de Assis, presidente da Federação de Beach Soccer da Bahia; meu amigo José Sandes Filho, diretor da Unisport; João Carlos Lopes, da Comissão de Esportes da OAB; Ricardo Maracajá, conselheiro do Esporte Clube Bahia e neto do meu presidente Paulo Virgílio Maracajá Pereira.

Eu queria convidar para a Mesa o presidente da Bamor, Luciano Venâncio, que tem uma história rica e fértil no Esporte Clube Bahia. (Palmas) Junte-se a nós, por gentileza.

Agora nós vamos assistir a um vídeo que fala um pouco sobre o hino espetacular do Esporte Clube Bahia.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Eu posso estar enganado, mas essa voz do vídeo é do Dr. Fernando Passos. Ou estou enganado? (Pausa) É dele mesmo. Parabéns! Linda e justa homenagem.

Convido para fazer uso da tribuna o Dr. Aramis Ribeiro Costa, aqui representando o autor do Hino do Esporte Clube Bahia, Adroaldo Ribeiro Costa.

O Sr. ARAMIS RIBEIRO COSTA:- Sr. Presidente desta sessão especial, deputado Bobô, Srs. Deputados, Srs. Dirigentes do Esporte Clube Bahia, Srs. Conselheiros, Sr^{as} e Srs. Torcedores do Esporte Clube Bahia.

Aqui estou representando as duas famílias de Adroaldo Ribeiro Costa: a família de sangue, à qual eu pertenço, e a família que ele criou, a família da Hora da Criança, aqui também representada pelo publicitário Fernando Passos, pela professora Nairzinha Spinelli e pela funcionária desta Casa, Sandra Lúcia Barreto Moreno.

Certa vez, conversando com o meu tio Adroaldo, ele me disse o seguinte: “Eu fiz muita coisa na vida, mas acho que só duas vão ficar: A Hora da Criança e o Hino do Bahia”. A Hora da Criança aqui está, representada por nós e por milhares de pessoas que participaram desse movimento educativo e que ainda participam. E o Hino do Bahia, que aqui está lembrado e homenageado pelos senhores.

Ele tinha 29 anos de idade, isso foi em 1946. Naquela época, a Hora da Criança funcionava, para os ensaios, na sede do Clube Fantoches, o famoso Pavilhão Mexicano da Rua dos Democratas. E, numa tarde, ele foi procurado por Amado Bahia Monteiro e um grupo de torcedores para fazer uma canção, uma música, para animar a torcida uniformizada e organizada do Bahia. Naquele tempo, ainda não existia o Estádio da Fonte Nova, que foi construído e inaugurado por Otávio Mangabeira, em 1950, e os jogos davam-se no Campo da Graça, onde havia lugares marcados, determinados para as torcidas. A torcida do Bahia era pequena e se sentava no lado B do Campo da Graça. A ideia daqueles torcedores e dirigentes do Bahia era criar uma torcida uniformizada que durante os jogos cantasse incentivando o time.

Ele gostou da ideia. Além de compositor, ele era um torcedor fanático do Bahia, participava, naquela época, e já vinha participando há alguns anos, da direção do Bahia, e fazia parte do conselho jurídico. Foi para casa e, no dia seguinte, sentou-se ao piano, na rua Lélis Piedade, 101, Itapagipe, uma casa que não existe mais. Primeiro, fez a letra organizando os motivos do Bahia, pegando, inclusive, a ideia da vibração que a torcida tricolor passava, e logo em seguida compôs a música.

Era uma época em que não havia computador, digitalização, digitação. Ele escreveu à mão, levou ao Bahia, mimeografado. Aprendido rapidamente, porque interessava à torcida cantar logo em seguida, foi inaugurado no primeiro jogo do Bahia, que ocorreu logo depois.

A torcida cantou com toda aquela vibração pretendida, etc., mas a verdade é que essa torcida uniformizada do Bahia não deu certo. Aquilo serviu apenas para 1 ou 2 jogos, e pouca gente, na verdade, deu importância a essa música, que foi completamente esquecida. Não estava escrita, estava apenas na memória de Adroaldo, e foi ele próprio quem passou a melodia para a torcida.

Dez anos depois, ocorreu uma grande campanha do Bahia, que se chamava “dez mil sócios, nem um a menos”, organizada pelo seu departamento social. A ideia era transformar a torcida vibrante e pequena do Bahia numa torcida de multidão.

O Bahia passava uma fase bem melhor financeiramente, depois de ter passado uma fase péssima. Permitam-me lembrar que, se o Bahia saiu dessa fase péssima e pode pagar as suas dívidas, e pode também comprar um andar num edifício na Rua Carlos Gomes, onde fez a sua sede administrativa, e depois construir a sua sede de praia, isso ocorreu pela criação do bolo tricolor por meu pai, Aldegar Ribeiro Costa, o que deu estabilidade financeira ao Bahia naquela época.

Com essa condição, o Bahia pode então encetar essa grande campanha publicitária dos “dez mil sócios, nem um a menos”, e precisava de um hino, que não existia. Adroaldo, então, mostrou à diretoria que essa música já existia. Tocou e cantou o hino no piano, a música foi aprovada pela diretoria, e houve a mudança de um verso: de “ninguém nos vence em fervor”, que era a música original da marcha da torcida tricolor, para “somos do povo um clamor”, pois esta era a nova ideia, ser um clamor da multidão.

Adroaldo entregou essa música ao Esporte Clube Bahia com duas condições. Uma delas, entregando os direitos autorais, que até hoje são do Bahia. A família de Adroaldo jamais recebeu um único centavo por essa música, nem receberá; a outra, que não revelasse o nome do autor, pois ele desejava que todos pensassem que havia sido um canto nascido do povo para o clube.

O hino do Bahia, vocês já devem ter notado, é uma canção para o time do Bahia. O tempo todo fala com os jogadores, “vamos, conquista mais um tento; vamos, serás o vencedor,” incentivando o time do Bahia. Daí, não é “somos da turma tricolor”, e, sim, “somos a turma tricolor”; “ninguém nos vence em vibração”. Não é “vamos conquistar mais um tento”, é “vamos, conquista mais um tento”. No final não é “é assim que se resume a sua história”, é “assim que se resume a tua história”. É a torcida do Bahia cantando para o time, com tom quase imperativo, exigindo mais um título, exigindo mais um tento. Essa é a ideia.

Essa música, como disse Fernando, foi entregue ao grande amigo de Adroaldo, Agenor Gomes, amigo da vida toda, da hora da criança, grande compositor, grande músico. E o maestro vinha também de uma tradição muito grande de arranjos de banda. O pai dele, Agostinho Gomes, era regente de banda do interior, e o maestro era um especialista em arranjos de banda, e fez, então, o primoroso arranjo que foi gravado pela banda do Corpo de Bombeiros da Bahia, sob a regência de José Leonardo dos Santos, no estúdio da Rádio Cultura, no Campo Grande, na época em que ela tinha uma casa ali.

Aconteceu também que, além da campanha dos dez mil sócios, que foi um sucesso absoluto, foi uma época, já em 1956, isso aconteceu dez anos depois, em que o trio elétrico estava como uma das grandes novidades do carnaval da Bahia. O trio elétrico foi criado, como sabem, em 1950, mas começou realmente a ganhar popularidade mais adiante, com o trio elétrico Tapajós etc.

O trio elétrico começou a tocar também o hino do Bahia. Naquele tempo, nos anos 50, o trio elétrico não tinha voz, não era cantado, era somente tocado; na parte de cima, os instrumentos elétricos, na parte de baixo, os instrumentos de percussão. Mas quando o trio elétrico começava a tocar o hino do Bahia naquele ritmo acelerado do

frevo, o povo cantava também, não apenas os torcedores, a multidão também cantava o hino do Bahia.

Tem um depoimento de um amigo pernambucano, que já morreu, que diz que, quando chegou a Salvador na primeira vez, era próximo do carnaval, e quando ele viu o trio elétrico tocando o hino do Bahia e aquela multidão cantando com aquela vibração, ele foi sentindo uma coisa diferente, começou a se sentir mal, sentou no passeio e começou a chorar, a soluçar, ouvindo o hino do Bahia.

Vou contar dois episódios curiosos para os senhores. Uma, depois do sucesso do hino do Bahia, Adroaldo foi procurado por outro time, não vou dizer qual foi, insistentemente, para que fizesse o hino desse outro time; ele, naturalmente, se recusou, não poderia fazer outro hino como aquele, porque aquele nasceu realmente do coração, era o que ele estava sentindo. Portanto, esse outro time, apesar de ter ficado um pouco chateado, não conseguiu o hino.

O outro, ele morava na rua Lélis Piedade, 101, como eu já disse, e naquele tempo dos anos 50, 60, a festa da segunda-feira da Ribeira ainda era uma grande festa, era o segundo carnaval da Bahia, e havia trio elétrico, que sempre tocava o hino do Bahia. Quando chegava na frente da casa dele, sempre tocava o hino do Bahia. Era uma homenagem que todos os trios faziam a ele. Um dia, na festa da Ribeira, ele estava sozinho em casa, no fundo do quintal, na rede, lendo, quando ouviu o trio elétrico tocar o hino do Bahia. Ele parou de ler, ficou ouvindo, gostando e tal. O trio elétrico tocou outra vez o hino do Bahia, e ele disse “se está insistindo, devo ir lá”. Se levantou, uma casa comprida, com quintal, e foi até a frente. O caminho era muito longo, e enquanto ele andava, o trio elétrico tocou pela terceira vez o hino do Bahia. Quando ele conseguiu abrir a janela, o trio já estava se afastando e tocando o hino do Vitória. Ficou chateado com ele, porque não apareceu.

Senhores, quero, sinceramente, agradecer, dizer que esse hino é, como diz a letra, a história do clube. É assim que se resume a história do hino do Bahia, tanto quanto a Hora da Criança é o resumo da vida de Adroaldo.

Muito obrigado aos senhores. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Como é bom ouvir sobre o Bahia. Coisa bacana ouvir histórias do Bahia, depoimentos tão fortes. quem é historiador ou estudioso da matéria, hoje aprendeu mais um bocadinho.

Quero registrar a presença do Dr. Herman Bulhões, secretário geral do TRT da Bahia; Dr. Átila Queiroz, diretor de Projetos Especiais do TRT; desembargadora Maria de Lourdes Medauar, representando o nosso querido João Marcelo, o zagueirão que está hoje fora do Brasil. Obrigado pelas presenças.

Vou chamar, para fazer uso da palavra, o presidente do Esporte Clube Bahia, Paulo Virgílio Maracajá Pereira, bi-campeão brasileiro de 88. (Palmas)

O Sr. PAULO VIRGÍLIO MARACAJÁ PEREIRA:- Meu querido Raimundo Nonato Tavares da Silva, Bobô, capitão do time campeão brasileiro de

futebol, quero cumprimentar todos os membros da Mesa aqui presentes. A todos os torcedores e entusiastas que estão no Plenário deixo o meu abraço, a minha saudação. Eu diria a vocês que o Bahia precisa de homenagens, porque o Bahia dá gosto ao seu torcedor.

O Bahia, desde 1931, é um clube que nasceu para vencer, que nasceu para ser campeão, foi campeão brasileiro 2 vezes, e o Vitória não foi campeão nenhuma. Nós, torcedores do Bahia, somos apaixonados pelo Bahia, brigamos até entre nós mesmos, mas na hora de decidir estamos juntos. Quem é Bahia não desagrega, quem é Bahia não desune, quem é Bahia une.

Eu diria a vocês que nesses 72 anos de vida que tenho tive muitas emoções fortes no futebol. A maior delas foi no dia 19 de fevereiro de 1989 no Beira Rio, no meio do campo, quando fomos campeões brasileiros. Somos campeões brasileiros. Foi uma emoção muito forte, muito forte. Tinham 78.000 torcedores do Rio Grande do Sul lá, do Internacional de Porto Alegre, e nós fomos campeões, em cima deles, em cima deles.

Quero dizer a vocês que, há pouco, eu ouvi o Dr. Aramis falar uma coisa sobre o trio elétrico. O Bahia chegou a Salvador na volta de Porto Alegre numa quinta-feira, porque terça-feira teve jogo pela Libertadores da América. O papa que me desculpe, eu sou católico, mas eu digo que a maior demonstração de amor que eu já vi dada foi pela torcida do Bahia no Aeroporto Dois de Julho, eu vi a do Papa também, mas a do Bahia foi maior. Os jogadores saíram do avião carregados pela torcida para 2 trios elétricos, o aeroporto estava inundado de gente vibrando. Saímos de trio elétrico, passamos pela sede do Bahia e fomos até, quase, o Rio Vermelho com o povo nas ruas vibrando com o Bahia.

Nós só conseguimos isso, digo a vocês, porque esquecemos nossas divergências. Nós temos de convergir para uma coisa só: o Esporte Clube Bahia. (Palmas) O Esporte Clube Bahia é maior do que todos nós. Sofri com algumas derrotas, mas vibrei com muitas e muitas vitórias. Todo torcedor do Bahia, de 1931 até hoje, que participou e participa com o Bahia tem o seu quinhão de trabalho, tem o seu quinhão de contribuição ao clube. Eu acho que podemos discutir entre nós mesmos, mas internamente temos de estar unidos em benefício do Bahia. A união faz a força, a união nos faz vencer.

Nós temos um desafio com o nosso adversário local, o Vitória, que foi tetracampeão baiano. Tudo bem! Quem foi heptacampeão baiano? Só o Bahia! Existem coisas que só nós temos: somos heptacampeões baianos, somos campeões brasileiros de futebol 2 vezes, e o Vitória não tem. Nós precisamos que essas novas gerações que estão surgindo no Bahia sejam muito felizes.

Gostaria muito ainda de ver o Bahia campeão brasileiro novamente. O Bahia, meu querido amigo Bobô, é emoção, é paixão. Tem gente que troca de mulher, mas não troca de clube, porque o Bahia é emoção, é a paixão de todos nós.

Quero saudar todos vocês e dizer que estou muito feliz em vê-los, hoje, juntos, unidos. Não há divisão de ninguém aqui, tem apoio à atual gestão do Bahia, ao atual conselho do Bahia, à Assembleia Geral do Bahia e a todos vocês. Estamos unidos.

Parabéns, Bahia. Ganhamos mais um título. Um abraço. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Obrigado, presidente. Você será sempre nosso presidente.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Queria fazer 2 registros. Um é a mensagem da vereadora Aladilce Souza, que encaminhou uma mensagem muito banaca, muito bonita – tem aqui um assessor de Aladilce e quero que ele leve uma abraço e o nosso agradecimento – fazendo um registro de deferência aos campeões, aos ex-jogadores do Bahia presentes e também à torcida do Bahia.

Queria fazer um outro registro que acho importante, antes de conceder a palavra ao presidente Marcelo Santana, de uma figura que tenho um carinho enorme, um respeito enorme, por se tratar dessas figuras que a gente encontra na vida, o que é muito raro pelo tamanho do coração e da generosidade dessa pessoa. Ele não está presente aqui, porque praticando uma atividade esportiva, tropicou da bicicleta e fraturou o ombro, Dr. Marcos Lopes.

Quero fazer essa referência a Marcos, porque ele foi bicampeão brasileiro conosco, em 1988, mas também foi a pessoa que, mandando mensagens para mim, começou a falar da necessidade da gente criar a lei que instituía a torcida do Bahia como patrimônio cultural e imaterial do Estado da Bahia. Ele não está aqui, mas sua esposa Tatiana está. Leve o sentimento de uma recuperação breve, mas também de agradecimento, porque foi através dele que nós procuramos trabalhar junto com a assessoria para que essa lei pudesse ser construída e, graças a Deus, hoje, a torcida do Bahia é patrimônio do Estado da Bahia. Sempre tínhamos esse sentimento, mesmo sem essa lei a gente já tinha dentro de cada um de que o clube fazia parte do patrimônio do Estado. Portanto faço esse registro. Daqui a pouco também Marcos vai ser um dos homenageados com uma placa apenas simbólica, mas representativa.

Queria conceder a palavra, agora, ao presidente do Esporte Clube Bahia, Marcelo Santana.

O Sr. MARCELO SANTANA:- Boa-tarde a todos. Saudações tricolores. Quero deixar meu abraço a toda Mesa na figura do nosso ídolo, Raimundo Nonato Tavares da Silva, o Bobô. Agradecer também a cada um dos ex-presidentes do Esporte Clube Bahia, começar na ordem que cada um foi presidente: Dr. Fernando Schmidt; Dr. Paulo Maracajá; Francisco Pernet; Petrônio Barradas, e acho que pela sequência dos presentes, eu sou o próximo, agradecer por vocês terem conduzido o clube para eu ter a oportunidade de, hoje, também estar representando a nossa instituição, a nossa torcida.

Na verdade eu estou aqui mais para agradecer tudo que vocês fizeram por nós. Temos sempre que valorizar, relembrar, porque Bobô, como sempre, desde aquela época, foi muito feliz em suas declarações, como Nordestino e como homem sofrido ele é campeão brasileiro. Para nós chegarmos as nossas conquistas é muito mais difícil do que para as outras realidades, outras agremiações, pelo próprio perfil

histórico que temos dentro do Brasil. O Nordeste embora tenha dado origem ao nosso País, não é onde se concentram as principais empresas, não é onde se concentram os principais investimentos. São Paulo, há muitos e muitos anos, junto com Minas Gerais, já tomou esse protagonismo político, mas vocês, com união, trabalho, dedicação, honestidade e vibração, que é o que diz o nosso hino, mostraram que somos capazes, sim, de construirmos grandes histórias e grandes conquistas.

Tem sempre alguns detalhes que o torcedor no dia a dia não percebe, mas as 2 estrelas que carregamos no nosso escudo nasceram com vocês. Até 1988 o Bahia não usava nenhuma estrela, as 2 estrelas que carregamos nasceram graças a vocês. Então, são vocês que, na verdade, são as nossas estrelas.

Quando a gente veste a nossa camisa, a gente veste um pouquinho da 8 de Bobô; da 10 de Zé Carlos; da 5 de Paulo Rodrigues. Sandro jogou com várias camisas, jogou com a 7, jogou com a 11, de vez em quando jogava com a 10. Então, é esse respeito que acho que devemos ter também.

Neste ano, quando a gente decidiu voltar com a numeração fixa dentro do Bahia foi justamente para que o torcedor saiba e aos poucos relembre cada jogador que vestiu a nossa camisa. Quando a gente começou, no início do ano, a perguntar a cada jogador qual camisa que queria vestir foi para que eles comessem a entender a responsabilidade que carregam também.

Acho que dentro do nosso clube, em respeito, claro, a todos os jogadores que a gente tem, a camisa mais pesada que a gente tem é a 8, por causa de você, Bobô, e por causa de Douglas, que está presente aqui também. (Palmas)

A gente tinha até uma dificuldade em saber quem iria usar a número 8 este ano. Graças a Deus, temos um argentino no clube que, pelo menos, é marrento. Tomara que ele consiga construir uma boa história, porque na hora de Allione escolher a camisa, ele falou: quero jogar com a camisa 8 ou com a 21. A gente falou: “Você tem que escolher, ou a 8 ou a 21, não vamos escolher a camisa de ninguém.” Acho que cada um de vocês que está escolhendo a camisa tem que assumir a responsabilidade.

No nosso clube, não sei quem disse essa frase, o 10 do Bahia veste a 8. E ele disse que queria assumir essa responsabilidade. Tomara que durante essa temporada ele mostre que é digno de vestir a camisa que foi sua, Bobô, a camisa que foi de Douglas, e que cada jogador sinta a responsabilidade que é vestir a camisa do Bahia.

Vestir a 1 de Ronaldo, que está presente também; vestir a 2 de Tarantini, que era de Zanata, mas ele tinha algumas briguinhas com Evaristo, senão poderia ter sido o nosso 2; a 3 de João Marcelo; a 4 de Claudir; a 6 de Paulo Robson; a 5 de Paulo Rodrigues; a 7 de Gil; a 8 sua, Bobô; a 10 de Zé; a 9 de Charles; e a 11 que acho que foi a que teve maior rotatividade. Marquinhos, acho que ficou com ela boa parte; Sandro também ficou boa parte da competição, mas foi a camisa, digamos assim, que, em 88, não teve um dono, teve alguns donos, para a nossa felicidade, porque os donos cuidaram muito bem das nossas camisas.

Que a gente possa, no futuro, ser merecedor de novas conquistas como essa, e endosso as palavras do nosso presidente Paulo Maracajá. Acho que dentro da nossa

casa a gente pode ter as nossas divergências, a gente pode ter as nossas brigas, a gente pode ter as nossas diferenças, mas da porta de nossa casa para fora todos somos Esporte Clube Bahia, e são essas cores e esse clube que temos, sempre, a obrigação de defender.

Obrigado por toda a história que vocês construíram para a gente e que a gente tenha a capacidade – quando digo a gente são os mais jovens. Nós temos alguns conselheiros jovens aqui também, o próprio Ricardo, Netinho, somos, digamos, da nova geração de conselheiros. Temos outros conselheiros também mais velhos dentro da nossa instituição –, que seja capaz de construir histórias tão bonitas como a que vocês construíram para a gente.

Agradeço muito por isso.

Obrigado a todos pela atenção, pelo carinho, e que em breve a gente possa anunciar as novidades que Ronaldo falou. Não é apenas uma novidade, são algumas novidades, em respeito a toda história que vocês construíram para a gente que é torcedor do Esporte Clube Bahia.

Obrigado a todos, saudações tricolores e “Bora Bahêa, minha porra!” (Palmas)

(Uma pessoa se manifesta fora do microfone.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Por isso que ela é pesada.

O presidente quer escalar a equipe de 59 aqui.

O Sr. Marcelo Santana:- Os mais velhos podem até me corrigir, o esquema era diferente na época, era o WM. Então, a gente tinha Nadinho no gol; na teoria, o lateral era Leone; a dupla de zaga, Henrique e Vicente; os laterais esquerdos eram Florisvaldo e Luizinho; na linha de meio-campo Flávio, avô de Gabriel, que começou aqui, no Bahia, e está no Flamengo, Mário, que jogou só no final, Bombeiro e Careca antes; Marito, Alencar, Léo e Biriba. Quem começou a nossa história: Osório Vilas Boas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Aqui, é a minha história!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Concedo a palavra ao secretário de Infraestrutura Hídrica, Cássio Peixoto, representante do governador Rui Costa. De qualquer maneira, se não estivesse aqui representando o governador Rui Costa, que é um tricolor como nós, você seria convidado, porque sei que é apaixonado pelo Bahia.

Por gentileza, secretário. (Palmas)

O Sr. CÁSSIO PEIXOTO:- Boa-tarde a todos.

Quero cumprimentar o presidente desta augusta Casa, a Assembleia Legislativa, que conduziu os primeiros trabalhos, deputado Angelo Coronel; saudar o proponente desta sessão, o nosso querido Raimundo Nonato, nosso craque Bobô; o Sr. Júlio César Lemos Travessa, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia, o Sr. Marcelo Santana, presidente do Esporte Clube Bahia, com uma grande responsabilidade; o Sr. Henrique Della Torre, presidente do Conselho do Bahia; a Sr^a

Maria Adna Aguiar, desembargadora, presidente do Tribunal Regional do Trabalho, que veio perfeitamente trajada como uma grande tricolor; o Sr. Abelardo Paulo da Matta Neto, desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia; o Sr. Sílvio Avelino Britto Júnior, procurador do Estado, representando aqui o meu amigo, colega de infância, Paulo Moreno – infelizmente vice, torcedor do Vitória; o Sr. Diretor do DPS, coronel Jorge Inácio Diniz, representante do coronel Anselmo, comandante-geral da Polícia Militar; o Sr. Ex-Presidente do Esporte Clube Bahia, nosso querido, eterno, Paulo Virgílio Maracajá Pereira; o Sr. Francisco Pernet, ex-presidente do Esporte Clube Bahia; o Sr. Petrônio Barradas, também ex-presidente do Esporte Clube Bahia; o Sr. Fernando Schmidt, ex-presidente do Bahia, com o qual também tive o prazer de trabalhar – meu muito obrigado, por ter me dado essa oportunidade; o Sr. Ronaldo Vieira Passos, nosso grande goleiro, diretor jurídico da Associação de Garantia ao Atleta Profissional da Bahia, representando os jogadores; o Sr. Flávio Alexandre da Silva Filho, o Binha, representando a nossa imensa Nação Tricolor; o Sr. Aramis Ribeiro Costa, representando o autor do hino e que aqui nos deu uma verdadeira aula sobre o Hino do Esporte Clube Bahia, um excelente aprendizado; o Sr. Manfredo Lessa, representante do presidente da Federação Baiana de Futebol, Sr. Edinaldo Rodrigues; e o Sr. Presidente da Bamor, Luciano Venâncio.

Tive duas grandes felicidades em minha vida: primeiro, em 1974, aos 10 anos de idade, quando me tornei sócio do Esporte Clube Bahia. Naquela época, meu pai, José Carlos Simões Peixoto, já era sócio remido do Esporte Clube Bahia.

Uma terceira grande alegria foi em 1979, quando, sob o seu comando, presidente Maracajá, nos tornamos heptacampeões baiano. Aquilo foi mais do que uma alegria, foi um sonho, uma verdadeira conquista que tivemos naquela oportunidade, fruto do seu trabalho e dos atletas, dos quais eu queria destacar o nosso querido Fito, que fez o gol do Bahia e nos deu aquela vitória fabulosa em cima do nosso grande rival, o Esporte Clube Vitória.

Por fim, esse grande momento que foi sermos campeões brasileiros em 1998, ano do nascimento do meu terceiro filho, Danilo Silva Peixoto. Sua mãe Cristiana, o carregava no colo na hora em que o árbitro terminou a partida. Não sei como ela aguentou ficar com aquele menino no colo com tanta alegria estampada dentro de casa, Marcelo, pois aquele momento foi marcante.

Hoje, vejo, aqui, os representantes não só o ano de 1988 como os das décadas passadas também. Há o grande Emo que começou no Redenção Futebol Clube; o nosso grande Osni que, infelizmente, vestiu aquela camisa vermelha e preta mas se apaixonou pelo Bahia; o memorável Douglas, o nosso eterno camisa 8 que veio do Santos para, também, nos dar a sua alegria e, por muito tempo, vestiu a camisa do Esporte Clube Bahia; o nosso grande Eliseu Vinagre de Godoy, esse camisa 10 que, hoje, representa muito bem a crônica esportiva baiana.

E, hoje, os craques estão presentes aqui.

Zé Carlos, o seu depoimento no filme foi algo emocionante. Tenho guardado o DVD lá em casa. Choro toda vez que o vejo e escuto as suas palavras, porque você foi mais do que um jogador. Você foi um grande torcedor do Bahia, continua sendo um

grande torcedor, demonstrou isso não só no campo mas fora dele também ao abraçar cada torcedor e cada torcedora do Bahia e, acima de tudo, como bem colocado aqui, você deu, à região do Nordeste, a oportunidade de ter o seu lugar de destaque no cenário nacional do futebol.

O nosso querido Dico Maradona teve o prazer de jogar com o meu cunhado André, conhecido como Bode, irmão de Lula Mamão, que jogou, também, no Esporte Clube Bahia. O grande meia Paulo Rodrigues muito ensinou a esses jogadores que, hoje, estão aí. Também, há o nosso querido Sandro que, na ponta esquerda, derivava pela direita, e, sempre, nos trazia grandes resultados nos jogos.

Quero cumprimentar, também, os colegas de trabalho e o meu colega Elias, da Sudesb.

Trago o abraço do grande tricolor que é o nosso governador Rui Costa que teve o prazer de levar, ao nosso eminente Papa, a bandeira honrosa do Bahia, representando não só a Bahia como também todo o Brasil. Esse foi um ato muito marcante. Sei que muitos torcedores de várias agremiações ficaram, profundamente, chateados com essa atitude. Mas ele fez isso e o fez com o coração, porque Rui é Bahia, Rui está fazendo pela Bahia e vai continuar torcendo, com toda a fidelidade, por este time e por esta nação tricolor.

Marcelo, o desafio é grande. Temos divergências, às vezes, nos debates. Mas acredito na sua gestão. Tenho, certamente, a fé de que faremos o Bahia ainda maior e melhor do que se encontra hoje.

Gostaria de dizer aos senhores da minha alegria.

Quero agradecer, Bobô, por esta oportunidade e, ao mesmo tempo, agradecer a todos vocês.

Desejo boa sorte à nova geração que se encontra hoje.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Quero fazer um registro. Gil Sergipano não veio, mas mandou a sua legítima representante e, por isso, eu queria fazer uma saudação à sua filha Mariana Batista presente conosco aqui. (Palmas) Ela, logo mais, receberá a homenagem de seu pai. Obrigado por estar aqui conosco. O seu pai tem uma história linda no Bahia. Ele é uma pessoa espetacular.

Esta sessão especial já está chegando ao fim.

Agora, vamos, apenas, fazer a entrega das placas comemorativas.

Acho interessante começarmos aqui em cima com as três placas endereçadas às pessoas presentes à Mesa que são o nosso presidente Paulo Virgílio Maracajá Pereira, o representante de Adroaldo Ribeiro Costa e, também, o presidente Marcelo Santana.

Esta homenagem, Marcelo, simboliza o nosso sentimento e o nosso respeito pela nação tricolor em função da lei criada que instituiu, à grande torcida do Bahia, o título de patrimônio cultural e imaterial do Estado da Bahia.

Então vamos começar.

Se vocês não se importarem, começaremos pelo mais jovem da turma que é Paulo Virgílio Maracajá Pereira. Presidente, por favor. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Gostaria de convidar o Dr. Aramis Ribeiro Costa, representando o autor do nosso hino, Adroaldo Ribeiro Costa, para ser homenageado. (Palmas)

Convido o Sr. Presidente do Esporte Clube Bahia, Marcelo Santana, para ser homenageado. (Palmas)

Convido agora os campeões brasileiros de 88, gente! Venham cá Sandro, Paulinho, Dico, Zé, Ronaldo e também os representantes que vão receber aqui as placas. Por gentileza, doutora, a senhora também. Tati, venha receber em nome de Marcos. Enfim... (Palmas)

João Marcelo. A doutora, por gentileza, venha. Quer falar um minutinho, rapidinho, sobre João Marcelo, onde ele está.

A Sr^a Desembargadora Maria de Lourdes:- Inicialmente quero parabenizar o deputado Bobô pela iniciativa e também esta Casa Legislativa ao homenagearem nesta data o Esporte Clube Bahia, esse patrimônio da Bahia que tantas alegrias, com sua torcida maravilhosa, já nos deu.

Estou aqui hoje representando o meu querido cunhado, um orgulho para a nossa família, porque ele está levando o futebol brasileiro pra terras bem distantes e merece esta justa homenagem que lhe é feita. João está em Dubai e pediu que eu viesse à Assembleia representá-lo. Estou muito honrada em fazer isto e participar desta festa tão bonita, deputado.

Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Ah! Show de bola! (Palmas)

Quero chamar a filha de Gil, Mariana, também para ser homenageada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Convido, também, Sandro, para ser homenageado.

(Entrega de placa em homenagem a Sandro.) (Palmas)

E o nosso artilheiro de 88, Zé Carlos. Vem cá, Zé.

(Entrega de placa em homenagem a Zé Carlos.) (Palmas)

Na verdade, Marcos Lopes sai hoje duplamente homenageado, porque foi dirigente em 88, médico, auxiliando o Dr. Rubens. Mas não era só Dr. Rubens, eram vários, Osório Villas Boas, Natan, era uma equipe grande, Luís Osório, também. Marquinhos também estava lá, acho que ele tinha se formado em 85, por aí, e, por isso, ele vai receber a homenagem duas vezes. Uma, por este momento, e Tatiane vai fazer as honras da Casa...

(Entrega a placa à representante do homenageado.)

(...) a outra é por conta da lei. Eu entendo que Marcos tem uma responsabilidade por essa lei que criamos aqui na Assembleia e que o governador

sancionou. Leve um abraço a ele, desejo-lhe uma recuperação breve para que ele possa estar conosco novamente.

(Entrega da segunda placa à representante do homenageado.)

Convido a todos a ouvirmos juntos o nosso Hino do Esporte Clube do Bahia.
(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Convido a todos para ouvirmos o Hino da Bahia.
(Execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bobô):- Binha, no domingo vai ter, se não me engano, algumas homenagens – não é, presidente? – no jogo de domingo aos ex-jogadores. A ideia nossa é estender a homenagem a algumas das torcidas organizadas do Bahia, com a placa também. Convidamos até alguns presidentes, como o da Bamor, que está aqui, os demais não se fizeram presentes por razões até de trabalho. Então, no domingo terá um ato, lá, uma homenagem do próprio Bahia. A gente vai fazer a entrega dessas placas a alguns presidentes do Bahia. E vou fazer questão de entregar ao senhor, separadamente, uma só para o senhor, Binha de São Caetano, tenha certeza. (Palmas)

Queria agradecer a presença de todos vocês, aliás, o Binha falou uma coisa muito certa agora, muitos que estão nesta Mesa poderiam estar em Aracaju, inclusive o presidente do Esporte Clube Bahia, Marcelo Santana, e o Binha, que não perde um jogo do Bahia em nenhum lugar do Brasil e do mundo, mas que, em deferência a esse evento, fizeram questão de estar aqui nos prestigiando e prestigiando os ex-jogadores campeões de 1988.

Portanto, agradeço a todos vocês. E, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares e eclesiásticas, das senhoras e senhores deputados, da Imprensa e declaro encerrada a presente sessão.

Muito obrigado. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.